



miguel-manso



persianas

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXV

*para o filhastro
ler depois*

© 2015, Miguel-Manso
e Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Persianas*
Autor: Miguel-Manso
Coordenador da coleção: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Abril de 2015

ISBN 978-989-671-255-6
DEPÓSITO LEGAL N.º: 389 326/15

Campéstico, Paisagens e Interiores

Muito dentro de casa e muito fora de casa

ÁLVARO LAPA

Muitas vezes Deus prefere

entrar em nossa casa

quando não estamos

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

Entro. Conheço a minha casa. É mansa

DANIEL FARIA

se agitares o livro e o deixares sobre o tampo
as letras cairão devagar sobre as figuras

dispondo as letras como persianas
para a antítese e a tese do *chiaroscuro*
se insinuarem no interior da leitura

entornarem sobre os arrumos revelarem
velhas partículas de pó voando ante açafates
esmaecidos cobertos de panos retesados
entre radiosas embalagens de detergente

na marquise de canários musicada
onde o domingo coagula nos vidros no alumínio
e escutamos o vandalismo das horas

esquecida sobre a cadeira
a escova do cabelo a que se ensarilharam
desperdícios de reflexão
e untada numa porção boa de sol

pede para tomar conta do poema

mas é do outro lado depois
do janelão
no flagício de ruas e telhados entre
frondes e antenas

que vemos formar-se a miragem deste texto
diverso da *civitas solis*
em que tornou esta varanda coberta

mas não se sabe o que venta agora
pelo mundo nem se o que grafamos fará um dia
parte do território

escova, Universo
a que soaria o que nunca se dissesse?

pátio dado a tédios e exórdios
cego para os enfeites por exemplo
estas faianças remotas que da infância
pendem sem tombar

e suspensas contrastam mas concordam
com o panorama

amarelos de espera os canários
esqueceram a floresta de onde vêm
(não faz o mesmo quórum o vaso das azáleas
o cacto mindinho a espada-de-São-Jorge)
e saltam de cá para lá

entre as duas hastes da melancolia

a agulha do gira-discos

vidros entremetidos nas inteirezas do ar
(de que somos depostos fazendeiros)
as paredes muito brancas mosqueadas
de mobília cartazes candeeiros dos livros
que circundam a mesa em que escrevemos

nos domínios vizinhos o dragoeiro sublime
a que ajardinaram as redondezas
desimpedindo o curso do olhar até ao rio
e fazendo-o regressar ao mármore da bancada
à cafeteira ao tapete ilustrado sob o abajur

estamos ao abrigo da esfera perceptível

mas tudo à nossa frente comunica
com o outro lado (ainda que nos digam das ilusões
que não têm flanco)

e escutamos os detalhes: *Tabula Rasa*, Arvo Pärt
∞ *Infinity*, a marca das colunas

infuso difuso quotidiano
 espargido há muito pelos poros dos anos
 seus clarões e noitadas
 sulfatados sobre o interior e o exterior
 do ente

que eu é o eu diante deste facto?
 doente no interior e exterior de si e como
 ser-se o quê aquém do *ergon*
 assumido nocturnamente no deslusto
 dos enredos?

nem tudo o que vem ao enredo
 é

à noite quando a lua repousa no ombro
 mais chegada à melancolia

a chávena mal se distingue no parapeito
 e a peste dos meus versos alastra lá ao fundo
 numa abandonada escrivainha

sou o escravo doído que repousa do idioma
 entregando-se ao inaparente ruído dos insectos
 e de mãos tombadas sobre o vazio

vela o descomedido trauma terreal

trabalhar na cama

como um Matisse que matasse
recortando-as

umas figurinhas cor-de-rosa

a mão agrícola vai ao vaso
do tomate-cereja

a luz tenho a certeza
adocicará a cor das próximas
saladas

a gata dorme ignorando as tonturas
da Criação

mas sou eu quem nasceu
e morrerá sem dar conta da seara
dos dias

há que respeitar os gatos
olhando-lhes

a cilada espiã do olhar
há que os iludir no escuro
de um sossego branco

esperar que não entendam respeitar
que não entendam

aprender o que não entendem
os gatos

se aprendeste a respeitar os gatos
aprende também a respeitar os cães
que abdicaram e são domésticos

a corda do estendal prende
as horas da manhã às da tarde
roncam com o peso do dia as roldanas

vidro alagado e brilhante
 astros embaciados pelo contorno da noite
 um vento que silva entre os lotes

bastaria isto para denunciar a noologia
 do real
 a forma como deslizamos entre altas
 e baixas pressões

a hora de ponta lá fora tem
 o jeito combalido da decepção

o elevador onde nos lembramos:
 tudo o que cai aponta ao centro da terra
tudo o que sobe deve convergir

são fronteiros o choro
 a alegria
 é-nos audível

mas não tornará falado o que é alado
 e entramos mudos quase sorrindo na narrativa
 do mundo

os textos são um retrato dos dias

ou um salão dentro do qual repousa
 uma jarra de porcelana

formas que resultam de frágil
 consistência pedindo à violência o seu
 imodesto exercício de tumulto

quantas gerações mais de versos
 porém

queimarão à vez e com brandura estes
 mesmíssimos enredos

o corpo é o ancoradouro de onde
partem todas as regatas

sentado assim na insignificação da sala
afligindo o tempo

conspurcando os dias

funde-se a vida com o que vive, na superfície
exagerada dos lugares

o dia passa como um telefonema curto
e dói sobretudo de uma paisagem para outra
a narração de um corpo tornar tão triste



PERSIANAS
de Miguel-Manso
foi impresso na Rainho&Neves, Artes Gráficas,
em papel CoralBook de 90 g,
em Março de 2015.

